

O presente artigo pretende aproximar o conceito filosófico do *clinamen* à luz das reflexões do pensador Gilles Deleuze, propondo uma abordagem estética, a Estética do Desvio, sobre o processo de criação no campo da arte contemporânea e sua lógica de atuação no caos, em semelhança à própria teoria atomista epicuriana, de que a relação causal do desvio de um átomo na trajetória se circunscreveria no próprio desvio espontâneo. O pensamento deleuzeano será oferecido como estrutura para a proposta estética desviante, a partir da aproximação e semelhança do conceito teórico com o fato artístico, que será demonstrado por meio de referenciais artísticos, observando os elementos contidos em seus *modus operandi*. Portanto, na esteira da filosofia rizomática e múltipla deleuzeana, aproximaremos Filosofia (criadora de conceitos) e Arte (criadora de *afectos* e *perceptos*), na perspectiva científica (a ciência como criadora de conhecimento, *prospectos*). Nestes três saberes, filosófico, artístico e científico, há uma correlação tangenciada no caos, coexistentes e conviventes nele, sob a qual estendemos o conceito do *clinamen* como desvio espontâneo.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, trouxemos o pensamento do filósofo francês Gilles Deleuze para enriquecer a reflexão acerca do processo de criação artística, dada a importante contribuição no campo do fazer artístico,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Processos e Procedimentos Artísticos do Programa de Pós-Graduação em Artes, do Instituto de Artes de São Paulo, da Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP, pesquisadora integrante do GIIP – Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia e bolsista no programa de apoio à pesquisa da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

ao enxergamos a atualização de seu entendimento sobre a teoria do *clinamen*, assim como, seu entendimento sobre a contribuição da filosofia e da arte para a vida.

Portanto, como ponto de partida, cabe-nos apresentar o conceito clássico da teoria epicuriana do *clinamen*: do latim = declinação (subs.masc.), inclinação, pendor. Em etimologia, *clinâmen* se aproxima por significado de “clínica”; de origem grega em: /*klinikós*/, que concerne ao leitor; /*kliné*/, leito, repouso; e /*klino*/, inclinar, dobrar. Em Filosofia, *clinamen* é a definição dada por Lucrecio no poema *De rerum natura* ou “Da natureza das coisas” (Tito Lucrecio Caro, 98-55 a.C.) a partir da doutrina atomista de Epicuro (341-270 a.C.), doutrina esta desenvolvida a partir do atomismo de Demócrito (cerca de 460-370 a.C.); sendo Lucrecio quem nomeou de “*clinâmen*” ao desvio imprevisível dos átomos, causado por um pequeno movimento através do vazio na trajetória retilínea, pelo seu próprio peso, de modo espontâneo e lateral, cujo encontro desses átomos de diferentes pesos produziram a matéria. (Lucrecio *apud* Deleuze, 2015).

Deleuze visita a teoria do *clinamen* em seu livro “A lógica do sentido” (*Logique du sens*, Paris, Minuit, de 1969), para tecer uma profunda e completa análise do Simulacro na filosofia antiga e, ao que nos parece, estruturando o projeto abstrato de Nietzsche de reverter a teoria das Ideias de Platão ao se debruçar na relação de causalidade dos acontecimentos. Portanto, ao recorrer à filosofia antiga de estóicos e epicuristas, aplica de maneira dialética a sua lógica do sentido, dialogando com pensadores como Leibnz, Klossowski, Derrida e Eco.

Assim, o pensamento de Deleuze contribuiu para a ampliação do conceito dado por Lucrecio para além do de “desvio imprevisível” de átomos, mas de ser ele, o *clinamen*, a razão do encontro ou da relação de um átomo com outro. Ao que entendemos como a condição de existência da relação entre átomos

(...) O *clinamen* é a determinação original da direção do movimento do átomo. É uma espécie de *conatus*: um *diferencial da matéria*, e por isso mesmo um *diferencial do pensamento*, de acordo com o método da exaustão. Daí o sentido dos termos que o qualificam: *incertus* não significa indeterminado, mas não designável; *paulum, incerto tempore, intervallo minimo* significam ‘em um tempo menor que o mínimo de tempo contínuo pensável’”. (DELEUZE, 2015, p. 276) (nosso grifo).

Dessa visão nascerão tantos outros conceitos deleuzeanos, como o rizoma e a multiplicidade, porém será neste capítulo, onde considerará que a relação de causalidade do *clinamen* só se valerá do acaso (caos) quando da “independência ou *pluralidade* das séries causais materiais, em virtude de uma *declinação* que afeta cada uma.” (DELEUZE, 2015, 277) (grifo nosso).

Assim, por estas bases e da maneira como Deleuze organizou sua filosofia, rizomática e múltipla, faremos em relação à maneira como trabalharemos com o conceito de *clinamen*, reorientando-o para a elaboração de uma proposta de abordagem estética, a qual chamamos de Estética do Desvio.

Para Deleuze a filosofia é o campo de criação de conceitos, que privilegia o pensamento por semelhanças e diferenças, superando a ideia de uma filosofia contemplativa, reflexiva ou representativa. Para o filósofo, o fazer filosófico se dispõe em recortes atemporais de conceitos e instaurações num “plano de imanência”, que, neste caso, se instaura a partir do material, e não do transcendental (do místico e religioso), sem o qual os conceitos filosóficos cairiam em meros debates de opiniões, se perdendo no vazio. Assim, conceitos e instaurações, oriundos de problemas filosóficos, coexistem no tempo, porém este se curvando em camadas, superpõe-se, sem excluir o antes e o depois.

De modo que caberia à filosofia a criação de conceitos, à arte a criação de sensações e afetos (*afectos e perceptos*), que não se confundem com percepções e sentimentos, e, à ciência a criação de conhecimento, pois produz *prospectos*, proposições que não se confundem com juízos. Nos três saberes, filosófico, artístico e científico, há uma correlação tangenciada no caos, coexistentes e conviventes nele. Se podemos atribuir a Deleuze uma dialética, que seja a do caos, pois, assim como na antiguidade grega, “estamos condenados às opiniões” e às fáceis certezas daqueles que “tudo sabem”; havendo um diálogo transversal entre elas, quando, produzindo pela linguagem, reagem contra a “opinião, [...] a arte, a ciência, a filosofia exigem mais: *traçam planos sobre o caos*”<sup>2</sup>. Para Deleuze, há uma evocação comum à filosofia, ciência e à arte, pois elas querem que “rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos”<sup>3</sup> (DELEUZE e GUATTARI, 2010). (nosso grifo). E assim, por nossa interpretação, artista, cientista e filósofo, ao traçarem planos sobre o caos atuariam na condição de propositores, operadores ou ainda de manipuladores de estratégias aplicadas aos seus objetos, sendo que o caos passaria a ser visto como operante do sistema observado.

Assim, os desvios de trajetória, o *clinamen* nos sujeitos poderia ser compreendido como uma “propriedade” que se revelaria como um indício de autonomia, singularidade ou mesmo de alguma forma de liberdade.

## 2. PENSAMENTO NÔMADE – PLANO DE IMANÊNCIA - DOBRA

O “livre pensar” é o pensamento nômade, cuja implicação é a convivência com conceitos dissonantes, simultâneos e, possivelmente, por sua disseminação geradora de novas práticas. O pensamento

<sup>2</sup> Gilles Deleuze e Félix Guattari em “O que é a filosofia?”. São Paulo: Ed. 34, 2010.

<sup>3</sup> Ibidem “2”.

nômade de uma *praxis* da diferença invariavelmente visará “de-formar”, “trans-formar”, “desviar” ou seja: *clinamen*.

Encontramos em Deleuze a aproximação entre o movimento do átomo no infinito com o pensamento que reivindica o movimento ao infinito, se constituindo em uma imagem do pensamento, o pensamento-imagem, sem implicar em coordenadas espaços-temporais lineares, referenciais fixos ou móveis, objetivos ou subordináveis. O pensamento-imagem estaria engendrado a um movimento no “horizonte relativo”, que se distancia enquanto avança, assim como no “horizonte absoluto”, em que está contido nele, isto é, o plano de imanência. Um movimento infinito, múltiplo e instantâneo, de ida e volta que, como não há destino, se volta na direção do pensamento, se afastando e se voltando infinitamente, imediatamente, perpetuamente, “uma dobra de um a outro que por sua vez se dobrando em outros ou deixando-se dobrar, engendra retroações, conexões, proliferações, na fractalização desta infinidade infinitamente redobrada (curvatura variável do plano)”. (DELEUZE e GUATTARI, 2010).

A partir desse novo paradigma, abrem-se novas possibilidades de pensar, mas, sobretudo, de sentir a realidade, posto pelo próprio Deleuze a máxima de que somos o que pensamos, no processo de virtualização do pensamento. Portanto, o desvio é a potência de se oferecer no plano da dobra e redobra a possibilidade de desenvolver práticas artísticas de variáveis sujeições e afecções. Nesta perspectiva, ao adotarmos a lógica da dobra, aplicando-a a todas as coisas, sejam no mundo orgânico ou inorgânico, interno ou externo, ofereceríamos às células, ao cérebro e ao próprio corpo, sua descontinuidade, isto é, a potencialização de sua multiplicidade e funcionalidade de sinapses. Como bem previu Leibniz, a existência de “janelas” ou “fendas” que ofereceriam a descompartimentalização das funções cerebrais em dobras.

Assim, na perspectiva deulezeana, a dobra tem a função de alterar a essência das coisas, uma vez que no plano da imanência os objetos seriam modificados em sua recepção, sua aferição, perdendo sua forma estática e ganhando modulação variável e contínua, permitindo uma condição cósmica relacional dinâmica com todos os outros organismos, mais precisamente em relação aos pontos de vista dos sujeitos em sua disponibilidade histórica, política, cultural, espacial e temporal.

Isto significaria dizer, que o sujeito que observa (espectador) modifica determinado objeto ao investir sua perspectiva pessoal, produzindo infinidade de dobras, e, por sua vez, o sujeito que constrói o objeto, também modifica o objeto, da imagem-pensamento até a sua feitura, infinitamente dobrando e redobrando sua essência – gerando, assim, uma dinâmica infinita de infinidades de dobras, transformações e transfigurações do objeto observado a cada movimento de pensamento – uma atualização de permanência impermanente.

O problema tem se instaurado a partir da caoticidade do mundo pós-moderno, em que os planos de imanência impermanentes se multiplicam em potência não mais dupla da dobra infinita, mas em desdobras e redobras múltiplas infinitas que se estendem e se atualizam fractalmente, reduzindo os instantes de permanência e, por conseguinte, a redução do potencial de aferição dos *afectos* e *perceptos* nos sujeitos, dada sua fragmentação.

Isto, apenas falando em relação à arte, sem adentrar no encadeamento das relações dinâmicas materiais e imanentes e do *constructo* dos sujeitos (identidade), os quais estariam da mesma maneira imbricados.

### 3. COSMO RELACIONAL – ESTÉTICA DO DESVIO

Como vimos, baseando na dinâmica das dobras liebniz-deleuzeanas em seu sentido prodigioso, instaura-se uma atuação fundamental da arte, no plano imanente-relacional, porém não radial, no sentido de sua errância, posto que os horizontes relativos e absolutos, estariam despossuídos de seus referenciais fixos ou móveis. Portanto, dado um mundo em “curvaturas variáveis de planos”, nos parecem coadunar com a estética do *clinamen*, o desvio.

Nesta esteira, impingindo à arte a qualidade de “estimulante da vontade de potência” caberia a ela o desvio. Mas desviar de qual trajetória? Precisamente é em Nietzsche, na leitura feita por Deleuze, que encontramos resposta:

[...] a arte é o oposto de uma operação ‘desinteressada’, ela não cura, não acalma, não sublima, não compensa, não ‘suspende’ o desejo, o instinto e a vontade. A arte, ao contrário, é ‘estimulante da vontade de potência’, ‘excitante do querer’. Compreende-se facilmente o sentido crítico desse princípio: ele denuncia toda concepção reativa da arte. [...] a arte é o mais alto poder do falso, ela magnifica ‘o mundo enquanto erro’, santifica a mentira, faz da vontade de enganar um ideal superior. [...] Mas para ser efetuado, esse poder do falso deve ser *selecionado, reduplicado, ou repetido*, portanto, elevado a um poder mais alto. O poder do falso ser elevado até uma *vontade* de enganar, vontade artística que é a única capaz de rivalizar com o ideal ascético e a ele opor-se com sucesso. A arte precisamente inventa mentiras que elevam o falso a esse poder afirmativo mais alto, ela faz da vontade de enganar algo que se afirma no poder do falso. Aparência para o artista, não significa mais a negação do real nesse mundo, e sim *seleção, correção, reduplicação, formulação*.

Então, verdade adquire talvez uma nova significação. Verdade e aparência<sup>1</sup>. Verdade significa efetuação do poder, elevação ao mais alto poder. Em Nietzsche, nós os artistas = nós os procuradores de conhecimento ou de verdade = nós os inventores de novas possibilidades de vida. (NIETZSCHE apud DELEUZE, 1982) (grifo nosso)

Em outras palavras, caberia a arte o desvio de uma trajetória, da dinâmica condicionante de sujeitos sujeitados e objetos subordinados pela fragmentação e atualização reduzidas. A arte, “observada” por sujeitos e “construída” por sujeitos coexistiram em dobras, cujas fendas se estabeleceriam por uma nova dinâmica, potencializada, prolongada e contínua.

Nesta perspectiva, de acordo com Deleuze, não haveria “dois mundos”, o mundo sensível e o mundo inteligível, pois não é possível saber onde começa e acaba o sensível e onde começa e acaba o inteligível. Para o filósofo francês o que há são “singularidades que se estendem até as vizinhanças de outras singularidades numa ordem espaço-temporal que vai ao infinito.” (DELEUZE, 1991). No mesmo sentido, o “intervalo”, o “corte” ou a “fenda”, que “separa” uma coisa e outra, não constituiria uma lacuna ou ruptura, mas uma continuidade. Portanto, trata-se do “salão musical” de Leibniz, movente, informal que se encontram no “espaço do olho que escuta”<sup>2</sup>, um espaço direcional e aberto que toma “todas as direções, prolongável no potencial de aferição dos *afectos* e *perceptos*.”

Deste modo, voltemos ao excerto anterior, extraído de Nietzsche por Deleuze. O *modus operandi* de uma estética do desvio se daria pela atuação do artista, que operaria na “seleção, correção, reduplicação, formulação” e “repetição” de conceitos, ideias ou objetos, na criação ou realização de sua produção artística.

Desta forma, por esta assertiva retomo a ideia inicial da realização de um movimento alternativo do átomo em função de dada condição que se estabelece no acaso (caos), na espontaneidade ou na aleatoriedade, aproximando para o fato artístico, especificamente para o momento da criação da obra, e mais especificamente ainda, no momento em que o artista/autor/criador opera pela linguagem seguindo uma espécie de *autodeterminação*, que entendemos como vontade de potencia no ato de criação de uma obra.

Assim, para demonstração teórica do *clinamen*, tomaremos como exemplo uma dada operação artística em que o acaso (caos) figura como sistema operante no processo de criação. Para facilitar a compreensão, as operações realizadas pelo artista-operador foram ilustradas na imagem 1 e imagem 2, as quais chamamos de Ciclo 1 e Ciclo 2, respectivamente:

- A) O Ciclo 1 – Hibridização 1 (figura01) inicia-se com a seleção de referenciais iniciais, no exemplo o artista desenha duas linhas livres (F1 e F2), que também podemos ampliar para tantas outras ações dentre outras linguagens (como música, pintura, literatura, poesia, entre outras), mas neste exemplo,

- partimos de duas referências formais, desenho de linhas sinuosas irregulares, realizadas em momentos distintos pelo artista-operador (F1 e F2).
- B) Posteriormente, os desenhos bases (F1 e F2) são sobrepostos na mesma posição de concepção, resultando em uma primeira hibridização dos desenhos (F3). Nesta fase, há a ampliação do campo gráfico (desdobramento da forma) e estabelecimento de novas formas-trajeto (segmentos de linhas) ou de novos parâmetros informacionais (F4).
- C) Sequencialmente, parte-se para o Ciclo 2 – Hibridização 2 (figura02), nova operação é realizada e reorientada pelo artista, voltando-se para a forma hibridizada como ponto de partida para “extrair” formas-trajetos e ignorar outras. Desta ação que também poderá ser encarada como atos preparatórios ou mesmo exercícios perceptivos, poderão advir tantas outras formas-trajetos, no exemplo, nos atemos a apenas duas formas resultantes (F5 e F6). Novamente há intervenção do operador que interseccionará as formas extraídas (F5 e F6), porém invertendo suas posições conceptivas, girando em 180° os desenhos e conformando-os em uma nova forma hibridizada (F7).

Ressaltamos que as operações – seleções, cortes, recortes e manipulações – do artista fictício, foram realizadas visando o objeto desenho, mas que neste exemplo, o desenho é, obviamente, uma alegoria para o objeto artístico, o qual poderia da mesma maneira ser representado em outras linguagens artísticas, como a fotografia, a pintura, o vídeo, a performance, assim como na música, no teatro, no cinema. Da mesma maneira, as variações de meios (procedimentos, instrumentos, materiais), suportes (veículos, mídias, estruturas binárias) e lugares (tempo x espaço), figuraram como variáveis da relação artista → objeto → caos → obra.

Trouxemos a instalação do artista francês Céleste Bousier-Mougenot, intitulada “Clinamen, vs4”, 2017, (figura03), que melhor é visualizado na internet, disponível em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RdCutpuUrX4>, no intento de ilustrar a proposta de uma abordagem estética desviante, que se relaciona com um *modus operandi* também desviante, em que os elementos que figuram na obra são artista e caos como operantes do objeto e da obra.

Por outro lado, tais operações poderiam se apresentar como ecos culturais de épocas distintas (dobras), como por exemplo, determinada obra “criada” por um artista contemporâneo que apresente semelhança ou relações com uma produção barroca do século XVI, ou mesmo com uma produção de qualquer outra época. Aqui, estendemos o entendimento de Omar Calabrese (do livro “A idade neo-barroca”, São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 27), a respeito da obra como um “fenômeno neobarroco”: Quanto ao prefixo

‘neo’. Assim como o ‘pós’ de ‘pós-moderno’ fazia pensar num ‘depois’, ou num ‘contra’ a modernidade, também ‘neo’ poderá levar a crer na ideia de repetição, regresso, reciclagem de um período específico do passado, que seria então precisamente o Barroco.

Porquanto, a identificação de objetos culturais ou mesmo estruturas subjacentes comuns de outras épocas, em determinadas produções artísticas contemporâneas, atuariam na qualidade de *clinamen*, podendo da mesma maneira, se dobrarem e se repetirem no futuro, “retornando” em outros contextos históricos, ou seja, o que está posto na contemporaneidade poderá ser retomado num futuro.

#### 4. CONCLUSÃO

A compreensão da filosofia de Deleuze à luz dos conceitos de dobras, repetição e planos de imanência aplicados ao conceito do *clinamen*, desenvolvido a partir da teoria atômica epicuriana, foram fundamentais para a sustentação de uma estética desviante.

Nosso intento foi aproximar teorias para aprofundar “prospectos”, oferecendo como abordagem estética a Estética do Desvio, fundamentalmente no sentido oferecer uma proposta de análise quanto ao seu modo de operar, atuar e estender através do tempo e do espaço, os quais entendemos diante do desenho dado, como salutares para que sua atuação, atualização e desdobramento alcance singularidade, potencialidade, continuidade e prolongamento, na perspectiva e visão de uma sociedade multiplica e dobrada, como é a contemporânea, para que continue a inventar novas possibilidades de vida.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *A Dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1976 (Disponível em: [https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze\\_nietzsche\\_ea\\_filosofia.pdf](https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze_nietzsche_ea_filosofia.pdf)).

\_\_\_\_\_. *Conversações (1972-1990)*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Coleção TRANS. São Paulo: Ed. 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.



## FIGURAS

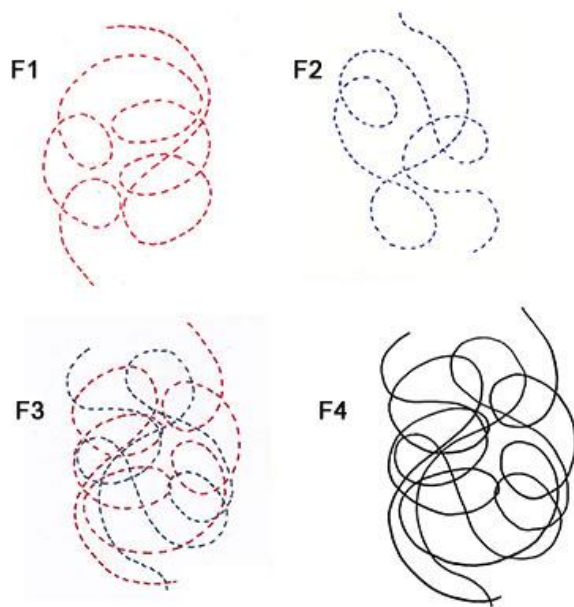


Figura 1

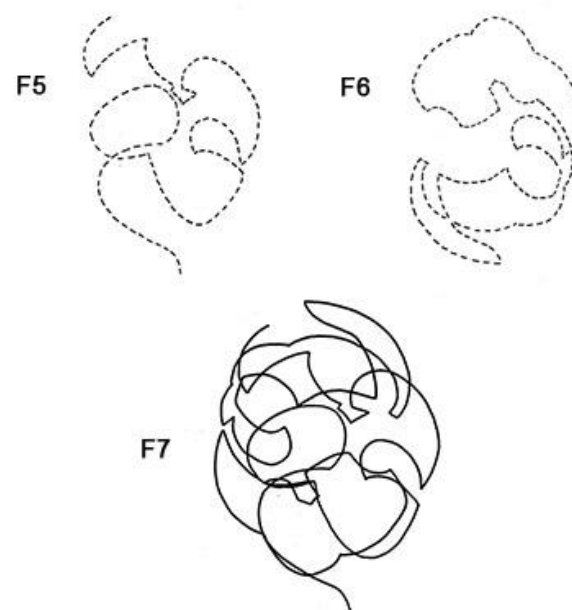


Figura 2



Figura 3